

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Ariel Engel Pesso

ANÁLISE CRÍTICA DA BIBLIOGRAFIA
MEMORIALÍSTICA SOBRE O ENSINO
JURÍDICO NO PERÍODO IMPERIAL
(1827-1889): AS “TRADIÇÕES E
REMINISCÊNCIAS” DE ALMEIDA
NOGUEIRA

PESSO, Ariel Engel

ANÁLISE CRÍTICA DA BIBLIOGRAFIA
MEMORIALÍSTICA SOBRE O ENSINO JURÍDICO NO
PERÍODO IMPERIAL (1827-1889): AS “TRADIÇÕES E
REMINISCÊNCIAS” DE ALMEIDA NOGUEIRA

R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182(486): 137-162, mai./ago. 2021

Rio de Janeiro
mai./ago. 2021

ANÁLISE CRÍTICA DA BIBLIOGRAFIA MEMORIALÍSTICA SOBRE O ENSINO JURÍDICO NO PERÍODO IMPERIAL (1827-1889): AS “TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS” DE ALMEIDA NOGUEIRA

CRITICAL ANALYSIS OF THE MEMORIAL BIBLIOGRAPHY ON LEGAL EDUCATION IN THE IMPERIAL PERIOD (1827- 1889): THE TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS BY ALMEIDA NOGUEIRA

ARIEL ENGEL PESSO¹

Resumo:

O presente artigo faz uma análise crítica da obra de José Luís Almeida Nogueira intitulada *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudentões, estudentadas*, cuja primeira edição foi publicada em 9 volumes entre 1907-1912. Tal análise se dá mediante a reconstituição de como a obra foi produzida, o resgate da(s) motivação(ões) para sua elaboração, o estudo de sua estrutura e o exame de pontos que devem ser problematizados. Nosso objetivo é saber se se trata de uma fonte histórica segura aos(às) pesquisadores(as) sobre ensino jurídico no Brasil imperial, vez que utilizada amplamente pela História do Direito. A conclusão a que chegamos é que trata-se de uma importante obra sobre a história local (da cidade de São Paulo e da Faculdade de Direito de São Paulo) e nacional (da política e do direito brasileiros), mas deve ser utilizada com precaução, na medida em que apresenta como principais problemas: falta de preocupação em relação às fontes e à metodologia empregadas; dificuldade em se averiguar a veracidade dos fatos; focalização em figuras próximas ao autor e nos “grandes vultos” do direito brasileiro; falta de sistematização; e lacunas a serem preenchidas, por tratar-se de uma obra inacabada.

Palavras-chave: Ensino Jurídico; Brasil Império; Faculdade de Direito de São Paulo; Almeida Nogueira.

Abstract:

*The article provides a critical analysis of José Luis Almeida Nogueira's work entitled *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudentões, estudentadas*, whose first edition was published in 9 volumes between 1907-12. The analysis traces back how the book was produced, the motivations of the author for writing it, examines its structure and raises further relevant questions. Our aim is to scrutinize if the book is a safe historical source for researchers on legal education in imperial Brazil, since it is commonly used in studies in the History of Law. We conclude that it is an important book for the history of the city of São Paulo and the São Paulo Law School as well as for the history of Brazilian politics and law. Bu it should be used with caution, as it presents the following problems: its sources and methodology are not always clear; it is difficult to check the veracity of facts; it focus only on figures close to the author and on “great names” of the Brazilian law; it lacks systematization; and, since it is an unfinished book, it presents gaps to be filled..*

Keywords: legal education; Empire of Brazil; São Paulo Law School; Almeida Nogueira.

1 – Bacharel, mestre e doutorando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD-USP). Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Bolsista da FAPESP (Processo nº 2019/04345-9). E-mail: ariel.esso@gmail.com.

1. Introdução

O interesse pelo ensino jurídico brasileiro vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito historiográfico, em especial pela proximidade da celebração do bicentenário de fundação dos cursos jurídicos (1827-2027). Nesta esteira, proliferam estudos e pesquisas sobre o tema e, no que diz respeito ao ensino do Direito no período imperial deve-se destacar, dentre as fontes secundárias de reconhecido valor, as obras do início do século XX de Almeida Nogueira², Spencer Vampré³ e Clóvis Beviláqua⁴, todos eles formados e posteriormente lentes⁵ nas Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife. Cada uma dessas obras, à sua maneira, possui aspectos positivos e negativos do ponto de vista da pesquisa em História do Direito.

A obra de Almeida Nogueira se constituiu em um importante marco no que diz respeito ao regate das memórias da Faculdade de Direito de S. Paulo. Tanto é assim que foi reeditada em 1953-55 (4 volumes)⁶ e em

2 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. São Paulo: Vanorden, 1907, v. 1; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1907, v. 2; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1908, v. 3; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1908, v. 4; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1908, v. 5; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1909, v. 6; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1909, v. 7; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1910, v. 8; NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1912, v. 9.

3 – VAMPRE, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. São Paulo: Saraiva & Cia, 1924. 2 v.

4 – BEVILAQUA, Clovis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1927. 2 v.

5 – “Lente” era a denominação utilizada no século XIX e começo do século XX para professor.

6 – NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminis-*

1977 (5 volumes)⁷ e acabou por adquirir um *status* de autoridade, como enfatiza Celso Maria de Mello Pupo:

sua obra se tornou clássica: foi seguida por outras de menor âmbito, incapazes de atingir o volume da primeira, não por falta de autores competentes, mas, talvez, por fatores adversos que sobejam nos tempos mais modernos. Historiou Almeida Nogueira a própria Academia, em relatos cronológicos e contemporâneos de turmas acadêmicas, traçando perfis dos seus professores, seguidos de figuras dos estudantes, em exposição de séria visualização biográfica, ou caricatas passagens da vida acadêmica que tanto marcou a sociedade paulistana, sociedade que teve na pena de Almeida Nogueira um observador e cronista de escola⁸.

Várias são as razões para o êxito da empreitada de Almeida Nogueira. Além da pesquisa documental, ele contou com a ajuda de vários contemporâneos, que sempre lhe confiavam informações e anedotas dos tempos acadêmicos. O gênero literário empregado – o retrato – é favorecido pelo estilo aprazível com que o autor redige os capítulos de sua obra. Além disso, o autor tinha conhecimento de causa: frequentara o curso anexo à Faculdade entre 1867-1868 e a Academia entre 1869-1873, de modo que as Arcadas lhe eram familiares havia quase cinco décadas quan-

cências, estudantes, estudantões, estudantadas. 2. ed. [São Paulo]: [S.N.], 1953, v. 1; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 2. ed. [São Paulo]: [S.N.], 1953, v. 2; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 2. ed. [São Paulo]: [S.N.], 1955, v. 3; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 2. ed. [São Paulo]: [S.N.], 1955, v. 4.

7 – NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1977, v. 1; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1977, v. 2; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1977, v. 3; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1977, v. 4; NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1977, v. 5.

8 – PUPO, Celso Maria de Mello. Almeida Nogueira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ano 40, n. P. I, p. 352, jul/dez. 1977.

do ele iniciou a publicação em 1906 das “Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo” em fascículos no *Correio Paulistano*. No mais, não devemos esquecer que a instituição havia sido alvo de um incêndio (aparentemente criminoso) em 1880, que lhe havia destruído parte considerável do arquivo⁹. Deste modo, a obra de Almeida Nogueira promovia a conservação de sua memória, pelo menos daquilo que não foi arrebatado pelo fogo.

Além de ter sido exitosa ao tempo em que veio a lume, as “Tradições e Reminiscências”, como ficaram conhecidas, continuaram – e continuam – a ser amplamente utilizadas por pesquisadores(as), como, por exemplo, Alberto Venancio Filho e o seu *Das Arcadas ao Bacharelismo*, publicado em 1977 por ocasião do sesquicentenário de criação dos cursos jurídicos e ainda hoje a principal obra sobre o ensino jurídico.

Não obstante, é certo que a obra possui alguns aspectos que devem ser problematizados, de modo que não se faça um uso inadvertido dela. Assim, nosso objetivo é efetuar uma análise crítica sobre a obra de Almeida Nogueira enquanto fonte histórica, utilizando-nos, para tanto, da 1ª edição publicada entre 1907 e 1912. A escolha por tal edição se justifica porque, em primeiro lugar, possibilita a comparação com os fascículos publicados em 1906 e 1907 e, em segundo lugar, porque o texto original manteve-se inalterado nas sucessivas edições da década de 1950 e 1970, apenas com acréscimos extemporâneos por Carlos Penteado de Rezende, em forma de notas de rodapé.

Para a consecução de tal objetivo, fizemos uso da obra em si, de algumas fontes secundárias (muito pouco foi produzido sobre a obra, ainda que ela seja muito utilizada) e, principalmente, de notícias em jornais obtidos na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional¹⁰. O artigo está estruturado da seguinte forma: de início apresentamos uma breve biografia de Almeida Nogueira; em seguida, fazemos um estudo sistemático da obra *A Academia de São Paulo*, buscando compreender seu

9 – VAMPRÉ, Spencer, *op. cit.*, p. 416-423, v. 2.

10 – Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

processo de produção, a(s) motivação(ões) do autor, sua estruturação e os aspectos problemáticos; por fim, apresentamos a conclusão.

2. Almeida Nogueira (1851-1914): biografia¹¹

José Luiz de Almeida Nogueira, natural de Bananal, formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1873 e no ano seguinte obteve o doutoramento pela mesma instituição. Foi deputado provincial, geral (no Império), constituinte e federal (na República) por São Paulo e senador no mesmo Estado, além de advogar e colaborar em jornais. Foi nomeado e tomou posse como lente substituto da Faculdade em 1890. Em 1892 assumiu a cadeira de Ciência das Finanças e Contabilidade do Estado¹², na qual foi reconduzido em 1896¹³. Em 1901 foi designado para a cadeira de Economia Política, Ciência das Finanças e Contabilidade do Estado¹⁴, que mudou de nomenclatura para Economia Política, Ciência das Finanças em 1911¹⁵ e nela permaneceu até seu falecimento em 1914.

11 – Sobre sua biografia, ver VAMPRÉ, Spencer, *op. cit.*, p. 561-565, v. 2, ABRANCHES, Dunshee de. *Governos e congressos da República dos Estados Unidos do Brasil: apontamentos biográficos sobre todos os presidentes e vice-presidentes da república, ministros de estado e senadores e deputados ao Congresso Nacional*. São Paulo: S. N., 1918, p. 372-378, v. 1. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/36459>. Acesso em: 05.12.20, CHAVES, Pedro Rodovalho Marcondes. *Centenário de Almeida Nogueira (notas para uma biografia)*. São Paulo: Saraiva, 1951 e “Dr Almeida Nogueira”. *Correio Paulistano*, S. Paulo, p. 1,17 de julho de 1914, p. 1. Para sua bibliografia, ver ABRANCHES, Dunshee de, *op. cit.*, p. 376–378. Para sua atuação na cadeira de Economia Política, ver MELLO NETO, Cardozo de. Almeida Nogueira e a cadeira de economia política, na Faculdade de Direito. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, [S. l.], v. 48, p. 106-115, 1952. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66184>. Acesso em: 24.11.20.

12 – 2ª cadeira da 3ª série (ano) do Curso de Ciências Sociais, conforme estabelecido pela reforma do ensino jurídico de 1891, conhecida como Reforma Benjamin Constant (Decreto nº 1.232-H, de 2 de janeiro de 1891).

13 – 3ª cadeira do 3º ano da Faculdade de Direito, conforme estabelecido pelos novos Estatutos das Faculdades de Direito (Decreto nº 2.226, de 1º de fevereiro de 1896).

14 – 4ª cadeira do 4º ano, conforme estabelecido no novo Regulamento das Faculdades de Direito (Decreto nº 3.903, de 12 de janeiro de 1901).

15 – 3ª cadeira da 2ª série (ano), conforme estabelecido no novo Regulamento das Faculdades de Direito (Decreto nº 8.662, de 5 de abril de 1911).

3. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudentões, estudentadas (1907-1912)*

“Quando percessem os outros livros, devidos á sua penna, bastariam as *Tradições e Reminiscencias* para salvá-lo do olvido¹⁶”. Assim se expressa Spencer Vampré sobre *A Academia de São Paulo* de Almeida Nogueira, e com muita razão. Se hoje poucos se lembram de sua obra como político, advogado, jornalista ou lente de Economia Política, todo(a) pesquisador(a) do ensino jurídico do século XIX se vê na necessidade de recorrer aos seus nove volumes dedicados à Academia de São Paulo, escritos entre 1907 e 1912.

A obra começou de forma modesta, publicada em fascículos no jornal *Correio Paulistano* em 2 de abril de 1906. Com efeito, já havia algum tempo Almeida Nogueira vinha alimentando a ideia de escrever sobre os tempos passados da Academia, o que ele havia confessado em 23 de julho de 1905 na coluna “Great Attraction!¹⁷” de *O Commercio de São Paulo*, veículo do qual tinha a direção intelectual e foi redator-chefe entre maio e setembro de 1905¹⁸. Na ocasião, a coluna tratou de um episódio ocorrido em 1842 entre duas figuras conhecidas dos paulistanos: o padre Valladão e o Conselheiro Brotero¹⁹. Conforme se depreende das edições que a su-

16 – VAMPRÉ, Spencer, *op. cit.*, p. 565, v. 2, grifos no original.

17 – A coluna “Great Attraction!” apareceu, ao que tudo indica, em junho de 1905 e tratava da “Praça do Mercado” (conhecido atualmente como o Mercado Municipal de São Paulo). Não se tratava de historiar o local, mas de descrevê-lo e convidar os leitores a um passeio ao local (“Great Attraction! – Praça do mercado”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 25 de junho de 1905). A coluna era publicada com certa regularidade aos domingos, mas há edições em que ela aparece durante a semana e há edições dominicais em que ela está ausente.

18 – Conforme noticiado em “Notas e Notícias”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 26 de maio de 1905 e “Dr Almeida Nogueira”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 22 de setembro de 1905. Em 1905, o jornal mudou de proprietário e de direção e, com isso, afirmou que voltou às origens de independência e imparcialidade, não mais servindo como órgão partidário (“Commercio de S. Paulo”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 17 de maio de 1905 e reiterado em 18 de maio de 1905, p. 1). Justamente por essa mudança na pauta do jornal, deu-se maior visibilidade a outros assuntos que não a política, como notícias e informações de assunto geral e local, bem como produções literárias e escritos científicos, entre outros. Nesta esteira, começou-se a publicar notas de caráter histórico, com vistas a atrair leitores.

19 – “Great Attraction! – In illo tempore... – O Padre Valladão e o Conselheiro Brotero”.

cederam²⁰, a coluna não possuía, inicialmente, a intenção de rememorar histórias acadêmicas, mas apenas de trazer fatos e informações curiosas que chamassem a atenção do leitor, vez que publicada na capa do jornal. Com o tempo, o espaço dedicado às lembranças da Faculdade de Direito foram crescendo (mas nunca chegou a ser totalmente ocupado por elas), com publicações sobre a turma de 1855²¹, a turma de 1857²², a disputa entre Rodrigues Alves e Affonso Penna para redator-chefe da *Imprensa Acadêmica* em 1870²³, e a figura de Veiga Cabral²⁴ (esta última fez imenso sucesso e a edição esgotou-se no mesmo dia²⁵).

O Commercio de S. Paulo, São Paulo, p. 1, 23 de julho de 1905.

20 – “Great Attraction! – A visão de S. Paulo no Caminho de Damasco”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 30 de julho de 1905; “Great Attraction! – Coquelin, Ainé – Interessante interview”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 5 de agosto de 1905; “Great Attraction! – A Batalha de Campo Osorio – Morte de Saldanha Gama – Pormenores inéditos”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 13 de agosto de 1905; “Great Attraction! – A População de S. Paulo”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 20 de agosto de 1905; entre outros.

21 – “Great Attraction! – A Academia de S. Paulo (notas retrospectivas) – A turma de bacharéis de 1857”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 15 de outubro de 1905.

22 – “Great Attraction! – A Academia de S. Paulo (notas retrospectivas) – A turma de bacharéis de 1855”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 9 de outubro de 1905 e “Great Attraction! – A Academia de Direito – A turma de bacharéis de 1857 – Notas enviadas de Minas por um dos da turma”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, 4 de dezembro de 1905.

23 – “Great Attraction! – Rodrigues Alves e Affonso Penna (em 1870) – Emulos e amigos, na Academia de Direito de São Paulo”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 6 de novembro de 1905. Esta coluna não entrou em sua obra, pois se tratava da turma de 1870 e ele deveria estar colhendo material para sua redação.

24 – “Great Attraction! – In illo tempore – Lembranças e Tradições da Academia de São Paulo – O Conselheiro Veiga Cabral”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 18 de fevereiro de 1906.

25 – “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1862)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 de abril de 1906.

Em 1906, a coluna “Great Attraction!” migrou²⁶ de *O Commercio de São Paulo* para o *Correio Paulistano*, órgão do partido republicano, do qual Almeida Nogueira era afiliado²⁷ e que naquele ano representava no Senado de São Paulo. Conforme já referido, em 2 de abril o autor deu início a publicações na coluna que tratavam exclusivamente sobre a história da Academia:



Figura 1 – Coluna “Great Attraction!” no *Correio Paulistano*, a primeira a tratar das “Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo” de forma sistemática. Fonte: *Correio Paulistano*, São Paulo, 2 de abril de 1906, p. 1.

Nesta primeira publicação o autor afirmava que “ha todo um livro por se escrever, e livro que pode ser interessantíssimo, sobre a Academia de S. Paulo... especialmente nos tempos idos²⁸”. Ao longo de 1906 (ape-

26 – É possível ver essa migração pela continuidade da coluna: “Great Attraction! – O Medium Slade – Interessantes experiencias feitas no Rio de Janeiro em 1887”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 18 de março de 1906 e “Great Attraction! – O Medium Slade – Phenomenos curiosos por elle produzidos no Rio de Janeiro, em 1886”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 26 de março de 1906.

27 – Sua história com o periódico vinha de muito antes. Como (quase) todo bacharel em Direito do século XIX, Almeida Nogueira atuava ativamente na imprensa e era o redator-chefe do *Correio Paulistano* quando sobreveio a proclamação da República, ocasião em que ele teve uma importante atuação no sentido de legitimar o novo regime político (ABRANCHES, Dunshee de, *op. cit.*, p. 373-375).

28 – “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1862)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 de abril de 1906.

nas com um breve intervalo em junho), Almeida Nogueira continuou a publicar às segundas-feiras as memórias sobre diversas turmas, sempre pedindo a colaboração de quem pudesse acrescentar, corrigir ou confirmar algo – ao todo, foram 30 colunas dedicadas apenas à Faculdade de Direito de São Paulo (sendo duas dedicadas à criação dos cursos jurídicos e à instalação da Faculdade)²⁹. Em menos de um ano, já em dezembro de

29 – “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1862)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 de abril de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1869)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 9 de abril de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1863)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 16 de abril de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1873)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 23 de abril de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1838)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 30 de abril de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1856)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 7 de maio de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1872)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 14 de maio de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1874)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 16 de julho de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1875)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 23 de julho de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1861-65)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 30 de julho de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1861-65) – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 6 de agosto de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1867-71)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 13 de agosto de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (1854-58) – Parte Primeira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 20 de agosto de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (1854-58) – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 27 de agosto de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1858) – Parte Terceira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 3 de setembro de 1906; “Great Attraction! – A criação do Curso Jurídico no Brasil – Academia de São Paulo – Historia de sua fundação”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 10 de setembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1872-76”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 17 de setembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1872-76 – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*,

1906, ele anunciava que a primeira série (volume) das “Reminiscencias e Tradições” haviam sido impressas³⁰ e o livro foi publicado em 1907 pela Tipografia Vanorden em São Paulo.

São Paulo, p. 1, 24 de setembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – A inauguração do Curso Jurídico”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 1 de outubro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1845-49”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 8 de outubro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1864-68 – Parte Primeira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 15 de outubro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1864-68 – Parte Segunda”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 22 de outubro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1864-68 – Parte Terceira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 29 de outubro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – A primeira turma acadêmica (1831)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 19 de novembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1862-66”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 19 de novembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1862-66 – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 de novembro de 1906, p. 1; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1862-66 – Terceira Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 3 de dezembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – (1841-45) – Primeira Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 10 de dezembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (1841-45) – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 17 de dezembro de 1906; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (1839-43)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 24 de dezembro de 1906.

30 – “Great Attraction! – Reminiscencias e tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (1839-43)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 24 de dezembro de 1906.



Figura 2 – Página de rosto da primeira série da obra *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas* (1907).
Fonte: NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas*. São Paulo: Vanorden, 1907, v. 1.

A empreitada continuou e entre janeiro e março de 1907 mais 9 colunas foram publicadas³¹; ele deixou de colaborar com o jornal ao final

31 – “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1851-55 – Parte Primeira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 7 de janeiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1851-55 – Parte Segunda”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 14 de janeiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1851-55 – Parte Terceira”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 21 de janeiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1851-55 – Quarta Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 28 de janeiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1856-60”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 11 de fevereiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1856-60 – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 18 de fevereiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1856-60 – Terceira Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 25 de fevereiro de 1907; “Great Attraction! – Reminiscências e Tradições da Academia de

de março³² e, assim, a coluna encerrou-se. Ao todo, Almeida Nogueira já tinha material referente a 21 turmas, um feito impressionante. O autor aproveitou muito do que havia publicado e mais o material que foi coligindo com o tempo³³ e publicou mais 8 séries entre 1907 e 1912³⁴, totalizando 9 volumes ao todo. Entretanto, apesar da dimensão da obra e da pretensão do autor de chegar até 1890³⁵, ela ficou inacabada pela sua morte repentina em 1914 e, ao que consta, os eventuais manuscritos

São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1844-48 – Primeira Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 4 de março de 1907; “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas – 1844-48 – Segunda Parte”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 11 de março de 1907.

32 – “Notas”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 31 de março de 1907.

33 – Almeida Nogueira retomou sua coluna em 1912 e em 1914, ano de seu falecimento, com o título de “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas”. Ele publicou sobre mais três turmas: 1835-1839, 1874-1878 e 1831-1835 (“Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1835-39 (parte segunda)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 de junho de 1912, p. 1; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1835-39 (parte segunda)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 de junho de 1912, p. 1; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1835-39 (parte terceira)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 de junho de 1912, p. 1-2; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1874-78 (parte primeira)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 de julho de 1912, p. 2; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1874-78 (parte segunda)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 de julho de 1912, p. 2; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1874-78 (parte terceira)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 de agosto de 1912, p. 2-3; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1874-78 (quarta e ultima parte)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 1 de setembro de 1912, p. 5; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1874-78 (quarta e ultima parte)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 2 de setembro de 1912, p. 2-3; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1831-35 (parte primeira)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 2 de março de 1914, p. 1-2; “Tradições e Reminiscencias da Academia de S. Paulo – Estudantes, Estudantões e Estudantadas – A turma academica de 1831-35 (parte segunda)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 6 de abril de 1914, p. 1).

34 – Publicadas em Lisboa, na Tipografia “A Editora”.

35 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. II, v. 1.

inéditos se perderam³⁶. Na 1ª edição, ficaram de fora as turmas 1831-35, 1842-46, 1846-50, 1849-53, 1852-56, 1857-61, 1858-62, 1859-63, 1865-69, 1866-70, 1868-72, 1873-77 e de 1875 em diante³⁷, o que foi posteriormente suprido por Spencer Vampré em seu livro³⁸. Não obstante, quando da reedição da obra em 1953-55, incorporou-se as turmas de 1831-35, 1842-46, 1846-50, 1849-53 e 1852-56³⁹ e na reedição de 1977 as turmas de 1857-61, 1858-62, 1859-63⁴⁰. Todos esses complementos à obra original foram pesquisados e escritos por Carlos Penteado de Rezende⁴¹, que também inseriu notas e acréscimos às turmas publicadas na 1ª edição⁴².

Quando iniciou a publicação dos fascículos em 1906, Almeida Nogueira era professor catedrático de Economia Política e pertencia ao corpo docente da Faculdade de Direito havia 16 anos (ele entrou como substituto em 1890). Ele também era Senador em São Paulo pelo Partido Republicano⁴³, que possuía como órgão justamente o *Correio Paulistano*.

36 – GREMAUD, Amaury Patrick. Almeida Nogueira: professor de Economia Política no Largo São Francisco no início do século XX. In: BARBOSA, Alexandre Marcos Lourenço (Org.). *Grandes Escritores do Vale do Paraíba*. Aparecida: Lince, 2012, p. 71-86, p. 72, v. 1.

37 – PUPO, Celso Maria de Mello, *op. cit.*, p. 358–359. Apesar de terem saído na coluna semanal do *Correio Paulistano*, ficaram de fora dos livros as turmas de 1831-1835, 1852-1856, 1858-1862, 1859-1863, 1865-1869 e 1868-1872. As três primeiras foram incorporadas na edição de 1977 (NOGUEIRA, José Luís de Almeida, *op. cit.*, 1977, p. 161-342, v. 5), mas foram redigidas por Carlos Penteado de Rezende e não incluiu-se a publicação original do *Correio Paulistano*. Assim, elas ainda não foram publicadas em livro e permanecem inéditas.

38 – VAMPRE, Spencer, *op. cit.*, 1924, 2 v.

39 – Cf. NOGUEIRA, José Luís de Almeida, *op. cit.*, 1953, p. 7-20, v. 2; 1955, p. 9-20, v. 3, 119-136, 195-214, v. 3 e 1955, p. 99-120, v. 4, respectivamente.

40 – Cf. NOGUEIRA, José Luís de Almeida, *op. cit.*, 1977, p. 161-342, v. 5.

41 – Carlos Penteado de Rezende formou-se nas Arcadas em 1946 e possuía uma íntima relação com a instituição, vez que descendia de professores da Faculdade que lá lecionaram desde sua fundação: era filho de Gabriel José Rodrigues de Rezende Filho, neto de Gabriel José Rodrigues de Rezende, bisneto de José Maria Correia de Sá e Benevides e tataraneto de José Maria de Avellar Brotero. Entre a publicação dos volumes 1 e 2 (1953) e 3 e 4 (1955) da 2ª edição de Almeida Nogueira, Carlos Penteado de Rezende publicou um interessante estudo sobre a música na Academia de S. Paulo no século XIX (REZENDE, Carlos Penteado de. *Tradições musicais da Faculdade de Direito de São Paulo*: edição ilustrada, comemorativa do IV Centenário de São Paulo. São Paulo: Saraiva, 1954).

42 – NOGUEIRA, José Luís de Almeida, *op. cit.*, 1977, p. XI-XII, v. 1.

43 – Ele foi Senador no Congresso Legislativo do Estado de São Paulo entre 1898 a

É possível que sua contribuição no periódico servisse para divulgar sua atuação como político e aumentar o número de vendas do jornal, não somente aos filiados ao partido, mas ao público leitor em geral – lembrando-se que parcela significativa do referido público era formado por bacharéis egressos das Arcadas, particularmente interessados em rememorar os tempos da juventude acadêmica. Além da carreira política consolidada⁴⁴, Almeida Nogueira também militava como advogado e anunciava seus serviços no mesmo jornal, que era considerado uma fonte potencial para novos clientes. Com a publicação da primeira série em 1907, a vinculação ficou mais clara:



Figura 3 – Anúncios de Almeida Nogueira no *Correio Paulistano*.
 Fonte: *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 de janeiro de 1907, p. 5.

1900 (4ª Legislatura), 1904 a 1906 (6ª Legislatura) e 1910 a 1912 (8ª Legislatura) (CALIMAN, Auro Augusto (coord.). *Legislativo Paulista: Parlamentares, 1835-1998*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998).

44 – Filiado ao partido conservador durante todo o Império, foi eleito deputado à Assembleia Provincial já em 1873, antes mesmo de se formar. Isso se deve principalmente ao seu avultado “capital político”, vez que suas relações familiares lhe proporcionaram a entrada prematura na política, da qual se retirou apenas quando faleceu.

Assim, é bem provável que o motivo imediato para a manutenção de uma coluna semanal voltada às tradições e reminiscências da Academia de São Paulo fosse prático, isto é, mercadológico (aumentar a venda de jornais e sua clientela como advogado) e também para dar-lhe visibilidade enquanto político (apesar de suas mais de três décadas de atuação); o motivo mediato, nos parece, foi dar vazão à sua verve de cronista, algo que ele fazia bem e fazia com gosto. O passo seguinte foi reunir os fascículos em livro, o que serviu para consolidar seu trabalho e perenizar as memórias coletadas, como ele o afirma no prefácio à primeira série:

Os escriptos enfeixados neste livro foram dados, quasi todos, á publicidade no *Correio Paulistano*, no decurso do anno próximo findo.

O acolhimento extremamente favoravel que o publico lhes proporcionou, ao ponto de se exgottarem todas as respectivas edições do jornal, e, além disso, as manifestações benevolas de numerosos amigos: convenceram-nos de que estas chronicas sobre os tempos idos da Academia de S. Paulo alguma cousa contêm de util e são dignas talvez de ser conservadas.

Cuidamos, por isso, proceder avisadamente, a despeito do estylo despretencioso em que ellas foram traçadas, *currente calamo*, em lhes dar vida menos ephemera, collocando-as sob a capa tutelar do livro.

Se lhes não couber a fortuna de proporcionar aos seus leitores momentos de attrahente diversão, poder-lhes-ão trazer, em todo o caso, uma ou outra nota biographica a respeito de nomes conhecidos ou de alguma saudosa personalidade. Alcançarão, outrosim, salvar do olvido interessantes pormenores, desses que desdenhosa a historia omitte do alto dos seus cothurnos, mas que o chronista solícito recolhe e registra cuidadoso⁴⁵.

Os nove volumes de *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas* dão conta de 36 turmas que passaram pelas Arcadas no século XIX⁴⁶. É certo que o projeto não

45 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. I, v. 1.

46 – As turmas são, cronologicamente: 1831; 1828-32; 1829-33; 1830-34; 1832-36; 1833-37; 1834-38; 1835-39; 1836-40; 1837-41; 1838-42; 1839-43; 1840-44; 1841-45; 1843-47; 1844-48; 1845-49; 1847-51; 1848-52; 1850-54; 1851-55; 1853-57; 1854-58; 1855-59; 1856-60; 1860-64; 1861-65; 1862-66; 1863-67; 1864-68; 1867-71; 1869-73; 1870-74; 1871-75; 1872-76; 1874-78. Conforme já dissemos, nas reedições de 1953-55 e 1977 foram acrescentadas as turmas de 1831-35, 1842-46, 1846-50, 1849-53, 1852-56, 1857-

foi fácil e ele mesmo reconheceu tratar-se de um “trabalho de longo fôlego” no prefácio à quarta série, propondo inclusive a dilação do número total de volumes da obra para dez ou doze (o que não ocorreu)⁴⁷. Almeida Nogueira não segue a ordem cronológica das turmas e geralmente reúne em um mesmo volume turmas de datas distantes (mas, no mesmo volume, as turmas estão dispostas em ordem cronológica). Esta falta de sistematização se deve principalmente ao fato de que ele ia publicando os fascículos e, posteriormente, os livros, conforme coletava as informações e dependia, no mais das vezes, da correspondência de antigos alunos, que fizeram parte da turma ou tinham ouvido histórias e fatos sobre as turmas passadas e as que lhes sucederam. Não obstante, mesmo que publicados rapidamente, quando o autor juntava os fascículos e os publicava em livro ele preocupava-se em corrigir eventuais equívocos e dar maior desenvolvimento a certos pontos⁴⁸.

Um fato que nos chama a atenção é o estilo despretensioso empregado por Almeida Nogueira, exímio cronista que era. Informações sobre lentes e trabalhos acadêmicos misturam-se a causos, estudantadas e anedotas que trazem leveza ao texto e que dificilmente não arrancam um sorriso ao(à) leitor(a) – como por exemplo:

O Martinho Contagem [Martinho Alvares da Silva Contagem] era [...] um exímio caçador, que andava a atirar codornas aili pelo Cambucy, veados nos Campos Elyseos, e marrecas na lagôa da rua Victoria.

Livros, não abria elle. Entretanto, era talentoso e assignalava-se por muita presença de espirito.

Foi, um dia, chamado á licção, estando completamente *a quo*^[49].

Costumava o Falcãozinho destinar para taes chamadas somente dois, três ou, no maximo, cinco minutos, antes da terminação da aula.

O Contagem nem ao menos sabia qual era o ponto da licção. Percebeu, porém, que somente faltavam dois minutos para soar a hora. Então concertou a garganta, assoou-se vagarosamente, de novo concertou

61, 1858-62 e 1859-63, redigidas por Carlos Penteado de Rezende.

47 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. I, v. 4.

48 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. II, v. 1.

49 – “Estar *a quo*” era uma gíria acadêmica utilizada quando alguém não sabia a lição (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. 129, v. 8).

a garganta, e se assoou mais uma vez; afinal, pausado o lent[ç]o começou: “Vamos tratar do objecto hontem proficientemente explicado pela illustrada cadeira...”. Pausa, repetem-se os concertos de garganta e assoamentos; prosegue: “Não obstante os argumentos adduzidos pela cadeira, estamos, com a devida venia, em completo desaccôrdo da doutrina pelo illustrado mestre expendida sobre o assumpto...”. Movimento geral de curiosidade. O dr. Falcão Filho fita com attenção o estudante. Nova pausa deste. Continúa: “Tanto os theologos como os canonistas dissertam longamente sobre esta grave matéria e dizem... (*Cresce a attenção dos collegas, que sabiam que o Martinho nada sabia*) e dizem... coisas muito importantes” (*Hilaridade geral*). Nova pausa. Prosegue elle, já queixoso da preguiça do relógio: “Vamos demonstrar que não tem fundamento algum a doutrina da cadeira... (*Toca ao auge a emoção do auditorio*) que não tem razão o illustre mestre...”. Sôa, por fim a hora. Uff!... O Martinho suspira de alívio.

Toda a classe ri gostosamente pelo ardil empregado. O lente também ri e empraza o Martinho Contagem para, no dia seguinte, no principio da hora, expor os fundamentos da sua objecção.

Quem não adivinha o que aconteceo? Tanto no dia seguinte como nos subsequentes, não deu signal de si o nosso Martinho⁵⁰.

O conselheiro Cabral [Prudencio Geraldês Tavares da Veiga Cabral] era dotado de grande intelligencia e vasta cultura juridica; era, não obstante, um mau lente, já pelas suas singularidades algum tanto ridículas, como, sobretudo, pelo pouco caso que ligava aos seus deveres cathedaticos.

Não é justo accusal-o de explicar mal o Mello Freire; ha mais acerto em dizer-se que elle não se dava ao trabalho de explical-o, para não se incomodar; mas. . . não antecipemos.

Qual o seu estado civil?

Delle pôde-se dizer, sem trocadilho, que não era casado, nem solteiro, nem viuvo; porque, realmente - era casado e ao mesmo tempo o não era, pois o seu matrimonio não foi seguido... Como diremos? Emfim, porque, depois de effectuado o casamento, não fez elle a minima corte á sua noiva, nem nada; ao contrario, arrependeu-se desde logo do passo que havia dado, e, interpellando-se em voz alta, a si mesmo, passeou toda a noite em frente ao quarto nupcial, cujo limiar não transpoz:

50 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. 271-273, v. 1, grifos no original.

– Que fizeste, Cabral!? – exclamava elle, desolado. — Que loucura foi esta?!

Afinal, saltando pela janella (o predio era assobradado), abandonou a casa e jamais conviveu com *mademoiselle* Cabral, *sa femme*.

Esta senhora era filha do tenente general Rendon, e, pelas suas virtudes, certo não merecia tão affrontosa desatenção⁵¹.

Logo que se formou [José de Calazans Soares de Souza], retirou-se para Valença, onde seu pae era fazendeiro de café e senhor de grande escravatura.

Processado criminalmente um dos escravos da fazenda, incumbiu-se naturalmente da defesa do mesmo o joven Calazans, bacharel recém-formado.

La fazer, assim, a sua estreia, perante o tribunal do jury. Imaginem com que emoção!...

Começou remontando ao direito romano. Mostrou que o escravo era coisa, e que, portanto, ao advogado da defesa cabia naquelle momento a indeclinável incumbência de defender a coisa do seu pae...

O orador não poudo proseguir, impedido a principio pelos risos abafados, e, logo, logo, por explodida e geral hilaridade.

Após este incidente, o dr. Calazans abandonou a advocacia e dedicou-se á vida agricola⁵².

Além disso, o autor faz questão de nomear e dar informações sobre cada um dos alunos da referida turma, tanto em relação ao quinquênio acadêmico, tanto em relação a fatos posteriores. Vale destacar que em algumas ocasiões, ele emprestou a pena a outra pessoa, que poderia falar da turma com mais propriedade – o caso exemplar é o do Barão de Paranapiacaba, que narrou as memórias da turma acadêmica de 1844-48, a qual pertenceu⁵³.

Este expediente de narrar fatos e causos sobre cada um dos lentes e alunos pode ser entendido como o gênero literário do retrato, como bem o afirmou Wenceslau de Queiroz no prefácio à sétima série⁵⁴, que inclu-

51 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. 35-36, v. 2, grifos no original.

52 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. 213-214, v. 5.

53 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. 2-65, v. 3.

54 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1909, p. VIII, v. 7.

sive conta com a foto de Almeida Nogueira no início (a única imagem em todos os nove volumes). Mas o retrato não se resume às pessoas; nele também estão presentes os cenários e costumes da São Paulo de outra, dos banhos e da natação no Tamanduateí, das “caçadas noturnas” em quintais alheios, dos bailes, serenatas e festas religiosas, das lavadeiras e das “mundanas”, das tradições e galhofas acadêmicas, enfim, do trajar à vida nas repúblicas de estudantes⁵⁵.

Nesta esteira, não podemos esquecer que tratava-se de um obra escrita por e para os egressos da Faculdade de Direito de S. Paulo e por isso, como já dissemos, contou com a colaboração de vários antigos alunos. Era um processo em que ocorria não apenas o resgate de memórias dos tempos passados, mas também a própria constituição deles como sujeitos da história, fosse ela local (da cidade e da Academia) ou nacional (da política e do direito brasileiros)⁵⁶. Talvez por isso a insistência – quase recalcitrante – de Almeida Nogueira para obter informações ou correções em sua obra⁵⁷ e também o fato de que tanto os fascículos no *Correio Paulistano* quanto os diversos volumes foram um sucesso de público, como ele mesmo o afirma nos prefácios à sua obra⁵⁸.

Todavia, não nos deixemos enganar pelo estilo leve do autor ou pelo êxito da obra para com o público. Se é um fato que as “Tradições e Reminiscências” tiveram um papel importante para a perenidade da me-

55 – Ver, em especial, NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1909, v. 6, capítulo VI. Para as tradições e, principalmente, gírias acadêmicas, ver NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. 128-129, v. 8.

56 – Tal sentimento de “pertencimento histórico”, se o podemos chamar assim, aparece nos prefácios dos livros, que por vezes contam com a participação de amigos e colegas de Almeida Nogueira – é o caso do referido Wenceslau de Queiroz, formado nas Arcadas em 1890 e seu colega de redação no *Correio Paulistano*, que faz um longo prefácio (o maior de todas as séries) no sétimo volume (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1909, p. I-XIII, v. 7) e as cartas de Joaquim Nabuco e J. B. de Sampaio Ferraz (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. II, v. 8 e 1912, p. II-V, v. 9, respectivamente).

57 – No prefácio da primeira série lê-se: “No interesse de corrigir, quanto possível, esses defeitos e de reparar alguma involuntaria injustiça, aceitaremos de bom grado quaesquer rectificações que com visos de authenticidade nos forem comunicadas. Aproveital-as-emos para edição ulterior” (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. II, v. 1).

58 – Cf. NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. I, v. 1; 1907, p. I, v. 2; 1908, p. I, v. 5.

mória e história da Faculdade de Direito de S. Paulo, não podemos deixar de apontar alguns de seus aspectos problemáticos.

O primeiro desses aspectos diz respeito às fontes e à metodologia empregadas. Elucidativa aqui é a pergunta que Nabuco dirige a Almeida Nogueira em carta de 1909, posteriormente incluída no prefácio à oitava série: “Mas como tem V. podido reunir tanta informação?⁵⁹”, ao que o autor responde:

recorremos a todas as fontes escriptas que ficam ao nosso alcance, e, além disso, nos dirigimos ás pessoas cujo testemunho nos póde ser proveitoso, a algumas mesmo, refractárias ás primeiras sollicitações, importunamos com segundo e terceiro pedido. Por fim, contribuem com algum subsidio. Outras nos teem auxiliado com pormenores interessantes dos tempos idos da Academia⁶⁰.

Dentre as fontes escritas, destacam-se as de caráter oficial, guardadas no arquivo da Faculdade (ofícios da diretoria, atas da congregação, avisos ministeriais, etc. – o que sobreviveu do incêndio de 1880), e não oficial, como o *Diccionario Bibliographico* de Sacramento Blake, o *Memorial Paulistano*, as *Memorias e Viagens* de Silva Jardim e o *Parnaso Acadêmico* (organizado por Paulo Antonio do Valle). Contudo, o autor não faz uso de duas importantes fontes históricas: os relatórios do Ministério do Império e as memórias histórico-acadêmicas, publicadas a partir de 1855⁶¹. Ambas dariam ensejo não apenas à correção de algumas

59 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. II, v. 8.

60 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. III, v. 8.

61 – As memórias-histórico acadêmicas foram instituídas pela reforma do ensino jurídico de 1854, conhecida como Reforma Coutto Ferraz (Decreto nº 1.386, de 28 de abril de 1854). Em seu art. 164, previa-se que seria apresentada uma memória-histórico acadêmica na primeira sessão da Congregação em que se relatassem “os acontecimentos notaveis do anno findo”. Ainda, dever-se-ia especificar “o gráo de desenvolvimento a que for levada, nesse mesmo periodo, a exposição das doutrinas nos Cursos publicos e naquelles, que por autorisação da Congregação se instituirem particularmente para ampliação ou auxilio das materias obrigatórias”. Com o tempo, tais memórias históricas adquiriram um caráter burocrático e relatorial, sendo poucas as que ousavam, por exemplo, analisar o estado do ensino jurídico e propor soluções para o mesmo. Segundo Spencer Vampré, a primeira memória histórica da Faculdade de Direito de São Paulo foi apresentada em 1855 pelo lente Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, mas ela se perdeu (VAMPRE, Spencer, *op. cit.*, p. 156, v. 1); em pesquisa recente, descobrimos que ela foi elaborada pelo Con-

incertezas, como também a adição de outros fatos que ficaram de fora da obra⁶². As fontes orais eram variadas e por vezes mantidas em sigilo, de modo que aumenta sobremaneira a dificuldade em verificar-se a veracidade dos fatos – o aspecto mais problemático da obra, de que trataremos em seguida.

Ainda no tocante ao aspecto metodológico, não podemos esquecer dos aportes trazidos pelo próprio Almeida Nogueira em forma de lembranças, de modo que são constantes em toda a obra frases como “ocorre-nos á memoria”, “traz-nos á memoria”, “nos volvem á memoria” e frases em que ele mesmo aponta a carência de informações, como “nos fugiram da memoria” e “escapam á memoria”. Inúmeros são os problemas que podemos levantar acerca deste modo de registro histórico e aqui nos deparamos com o maior problema da obra, que é: trata-se de uma fonte histórica confiável?

Almeida Nogueira reconhecia que, a despeito de suas (muitas) correções, permaneciam na obra “erros de facto e até quiçá, injustiça nas apreciações: o que sinceramente nos pezeria, se em desabono de alguém⁶³”. Quando da publicação do primeiro fascículo em 1906 ele havia ido além:

Não é por amor ao passado que supomos ser a sua chronica [da Academia de S. Paulo] mais attrahente que a critica ou a narração dos factos da actualidade.

Não, não é por isso; mas simplesmente porque se tem maior liberdade no dizer. Os malevolos, quiçá, accrescentarão que ha tambem maior liberdade para a imaginação do chronista.

Pode muito bem que seja assim.

Nesta ultima parte, porém, não nos cabe a carapuça. Não negamos que, sciente ou inconscientemente, a nossa penna procura ás vezes

selheiro Ribas e publicada no *Correio Mercantil* em 1856 (anno XIII, v. 81, p. 1, 22 de março de 1851). Praticamente todas as memórias históricas da instituição encontram-se atualmente na biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

62 – Posteriormente, as memórias históricas foram utilizadas para a confecção das *Memórias para a História da Academia de São Paulo* de Spencer Vampré (1924). Os relatórios ministeriais, ainda que importantes como fontes históricas, não avançam muito em relação às memórias históricas.

63 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. II, v. 1.

enfeitar os factos que esteja a referir; e sempre ella considera um dever attenuar por euphemismos certos dictos apimentados que tenha de reproduzir ou pôr um véo apropriado sobre certas scenas que tenha de descrever^[64]. [...]

Si isto nos permittimos, todavia, nada inventamos quanto ao fundo das narrações.

Dado que sejam apocryphos alguns dos factos que nestas chronicas ficam registrados, não nos caberá outra culpa sinão a de sermos confiante, a de termos dado fé a alheio testemunho.

Em relação ás chronicas da vida academica, especialmente, pôde acontecer que de facto não sejam authenticas algumas anedoctas que correm activa ou passivamente ligadas a certos nomes de lentes ou de estudantes. Queriamos dizer – casos em que tais nomes figuram como protagonistas ou como victimas no incidente referido, quando haja nelle heróe e paciente⁶⁵.

E ele continua, justificando as anedotas:

Muitas vezes, uma pilheria inventada por mera diversão de espirito é repetida com accrescimos e já com determinada applicação; e, assim, formada a sua curiosa genesis, vai ella evolvendo, ate que chega a conquistar os foros de autenticidade.

A principio não se apura muito si o caso é *vero*, basta que seja *ben' trovato*; depois, á força de ouvil-o, toda a gente acredita na sua veracidade.

Essa verdade, algumas vezes, por ser *hypothetica*, por não ser objectiva, isto é, por não resultar de um facto acontecido, nem por isso deixa de ser moralmente uma verdade. Assim acontece quando a invenção vem, por exemplo, descrever exactamente o character de uma pessoa, apanhar-lhe a feição peculiar. Procede, então, de lima generalização

64 – Exemplo maior de tal atenuação é a descrição que Almeida Nogueira faz do lente José Rubino de Oliveira: “Estatura regular, rosto comprido, ornado de ligeiro bigode e escassa barbica sob o queixo. De côr parda... sim, elle era pardo. Não tocaríamos neste ponto, se não fosse o próprio Rubino o primeiro a chasquear sobre a coisa” (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. 230, v. 4).

65 – “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1862)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 de abril de 1906.

formada pela causticidade e fina observação de pessoa mais espirituoso que Voltaire, a saber – *tout le monde*⁶⁶.

Entretanto, ele demonstrava uma preocupação com a exatidão da parte histórica propriamente dita, que entendia ser mais fácil de corrigir⁶⁷. Para combater os eventuais erros, ele afirmou que faria um apêndice, inicialmente previsto para a quinta série e posteriormente realocado para a décima segunda⁶⁸. Tal apêndice, contudo, não chegou a ser publicado.

Um ponto que sobressai dessa discussão acerca da confiabilidade do registro de Almeida Nogueira refere-se ao fato de que muitas das informações que ele publicou acabaram por adquirir o *status* de “verdade histórica”, repetidas à exaustão por aqueles(as) que vieram depois dele – sendo os maiores exemplos Spencer Vampré⁶⁹ e Alberto Venancio Filho⁷⁰ e, na sua trilha, os(as) pesquisadores(as) sobre ensino jurídico e cultura jurídica no Brasil.

Outro aspecto a ser problematizado diz respeito ao destaque que o autor dá a determinadas figuras em detrimento de outras. Da leitura das nove séries fica claro que Almeida Nogueira reserva mais espaço às pessoas com quem ele conviveu nos tempos acadêmicos, com as pessoas a quem tinha maior afinidade (tanto na juventude quanto na carreira política) e, por suposto, aos “grandes vultos” do direito pátrio como Teixeira de Freitas, Pimenta Bueno e Lafayette Rodrigues Pereira. São escolhas compreensíveis, ainda mais se lembrarmos que fazer história àquele momento era exaltar os “grandes homens”, mas mesmo assim é um enfoque que não poderíamos deixar de apontar.

66 – “Great Attraction! – Reminiscencias e Tradições da Academia de São Paulo – Estudantes, estudantões e estudantadas (em 1862)”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 2 de abril de 1906, grifos no original.

67 – “Convém que, ao menos na parte histórica, fiquem estas chronicas, em ulterior e definitiva edição, escoimadas, quanto possível, de equívocos e inexactidões” (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. I, v. 3).

68 – Cf. NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1908, p. I, v. 3 e 1908, p. II, v. 5.

69 – VAMPRÉ, Spencer, *op. cit.*, 1924, 2 v.

70 – VENANCIO FILHO, Alberto. *Das arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

A falta de sistematização, como já dissemos, também é um problema da obra de Almeida Nogueira, ainda que menor. Sobre isso, e principalmente em relação à falta de ordem cronológica das turmas, ele mesmo reconhecia ser um “grave senão”:

É este um grave senão, bem o sabemos, para a esthetica do nosso trabalho. Mas, que fazer!? É irremediável. Nós nos vemos na contingência de ir escrevendo á medida que colligimos (e sabe Deus com que difficuldade!) os necessarios elementos de informação. Ora, estes dependem, em grande parte, da complacência alheia, contra a qual não se póde insurgir a nossa vontade⁷¹.

Neste sentido, as crônicas enfeixadas num mesmo livro constituíam capítulos autônomos, cuja leitura, na opinião do autor, “não se prende á dos precedentes ou subsequentes, nem se prejudica pela sua collocação nesta ou naquella série do trabalho planejado⁷²”. A esta falta de sistematização propôs Joaquim Nabuco em 1909 a elaboração de um índice nominal⁷³, o que foi feito apenas em 1977 por Celso Maria de Mello Pupo, que organizou o índice de lentes, das turmas e o índice nominal dos alunos, incluindo-lhes a turma a que pertenceram e sua naturalidade⁷⁴.

Por fim, em que pese sua meritória extensão, devemos ressaltar que se trata de uma obra inacabada em função da morte repentina do autor. Logo, algumas turmas ficaram de fora, com destaque para a famosa turma acadêmica de 1866-70⁷⁵, a qual pertenceram Joaquim Nabuco, Castro

71 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. II-III, v. 1.

72 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1907, p. III, v. 1.

73 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. II, v. 8.

74 – PUPO, Celso Maria de Mello, *op. cit.* O trabalho de Celso Maria de Mello Pupo é realmente digno de nota. Contudo, para confeccionar o índice ele se baseou na 1ª edição, publicada entre 1907 e 1912. No mesmo ano de 1977 em que seu índice veio a lume, foi publicada a 2ª e 3ª edição de alguns volumes da obra de Almeida Nogueira, que não contam com um índice nominal. A tarefa seria então compatibilizar o índice de Pupo com a nova paginação, bem como abarcar as turmas que só foram incluídas nas edições de 1953-55 e 1977.

75 – Almeida Nogueira afirmou que essa turma estava em preparação (NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1910, p. II-III, v. 8), mas nunca chegou a ser publicada e os manuscritos não chegaram a nós. Ele chegou a registrar um episódio ocorrido entre Rodrigues Alves e Afonso Pena quando ainda era redator no *O Commercio de São Paulo* (“Great Attraction! – Rodrigues Alves e Affonso Penna (em 1870) – Emulos e amigos,

Alves, Rui Barbosa, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Bias Fortes, etc. Segundo informações do nono volume, a décima série estava em preparação⁷⁶, mas nunca chegou a ser publicada.

4. Conclusão

A extensa obra de Almeida Nogueira trouxe uma contribuição muito valiosa para a história da Faculdade de Direito de S. Paulo e para a história do Brasil.

Iniciando-se a publicação em fascículos em 1906, logo o autor passou a reunir o maior número de informação possível sobre os alunos e professores que por lá haviam passado desde sua fundação em 1827. Tal esforço deu ensejo à publicação de 39 colunas semanais entre 1906 e 1907 no *Correio Paulistano*, totalizando 21 turmas diferentes.

Entre 1907 e 1912, ele publicou 9 volumes que cobriram ao todo 36 turmas que passaram pela instituição no século XIX. O resgate da memória dos tempos acadêmicos, somado ao estilo extremamente agradável do autor, fizeram grande sucesso junto ao público e foram reeditadas em 1953-55 e 1977⁷⁷.

Com o tempo, as histórias colacionadas por Almeida Nogueira tornaram-se uma importante fonte histórica àqueles(as) que se dedicam ao estudo do ensino jurídico no Brasil. Contudo, a utilização das informações contidas em sua obra deve ser feita *cum grano sallis* (com um grão de sal), como gostam de dizer os juristas – isto é, com precaução. Isso

na Academia de Direito de São Paulo”. *O Commercio de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 6 de novembro de 1905). Como já dissemos antes, tal episódio possivelmente seria publicado na crônica da turma de 1870.

76 – NOGUEIRA, José Luiz de Almeida, *op. cit.*, 1912, p. 298, v. 9.

77 – Mesmo reeditada, a obra de Almeida Nogueira nunca foi completada por inteiro, pelo menos não do modo como ele a planejou em 1907, isto é, com o registro de todas as turmas entre 1831 e 1890. Ainda restam por fazer as turmas de 1866-70, 1873-77 e de 1875 em diante. Uma boa oportunidade seria a reedição da obra em 2027 (bicentenário da criação dos cursos jurídicos), contemplando as turmas já feitas por Almeida Nogueira (em livro e as que saíram em fascículos, ainda inéditos, como apontado acima) e Carlos Pentado de Rezende, as turmas faltantes e um índice remissivo.

porque, em função da época em que foi elaborada (início do séc XX) e a despreocupação com um rigoroso método histórico, ela possui como aspectos que devem ser problematizados: (i) fontes e metodologia empregadas, (ii) veracidade dos fatos (o principal problema), (iii) enfoque narrativo, voltado aos “grandes homens”, (iv) falta de sistematização e (v) falta de algumas turmas acadêmicas (obra inacabada).

Entretanto, não devemos exigir algo que não estava ao alcance do autor – sua intenção não era fazer uma história institucional (ao modo do que realizou posteriormente Spencer Vampré em 1924) e sua preocupação era menos com a rigidez metodológica (à época, o campo da história oral, por exemplo, sequer existia) e mais com a preservação da memória dos tempos passados da Academia de São Paulo.

Texto apresentado em dezembro de 2020. Aprovado para publicação em junho de 2021.